

Sarney anuncia inflação de 2,8%

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

A inflação do mês de julho foi de 2,8%, segundo anunciou ontem o presidente José Sarney, durante o programa "Conversa ao Pé do Rádio", que vai ao ar todas as sextas-feiras, às 6 horas da manhã, através de uma cadeia de rádio. Segundo o presidente, o número anunciado refere-se ao índice de Preços ao Consumidor (IPC), apurado pela fundação IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e mostra que a hiperinflação caiu e que o congelamento funcionou.

Ao referir-se ao Plano de Controle Macroeconômico, aprovado esta semana pelo CDE (Conselho de Desenvolvimento Econômico), o presidente ressaltou que o País está iniciando uma nova era, "sem euforia, mas pisando firme. E já sentimos que a crise vai passar".

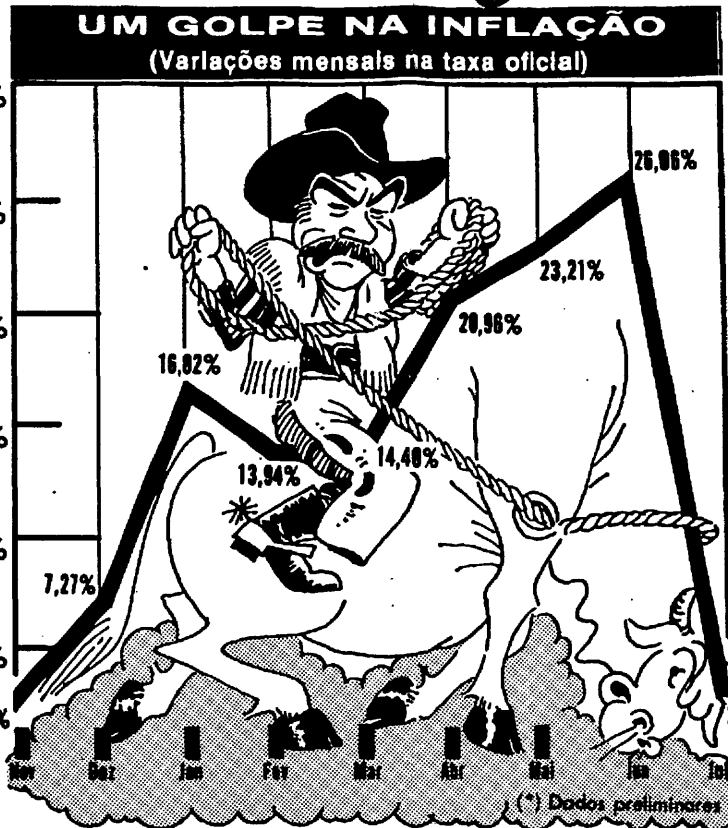
Para Sarney, o plano macroeconômico é diferente dos anteriores "porque ele é um plano que pretende controlar a economia em curto prazo. Os objetivos são mais próximos. Em princípio, os objetivos visados são trimestrais. É um plano de curto prazo, de controle de curto prazo, o que significa que, a cada três meses,

nós podemos ver o que está dando errado e podemos até ter a oportunidade de consertar, e ver o que está dando certo para manter".

Sarney lembrou, ainda, as últimas medidas adotadas no sentido de reduzir em Cz\$ 60 bilhões os gastos com pessoal e custeio do setor público, e destacou que tem sido boa a receptividade dos planos econômicos do governo no Exterior.

Após fazer uma breve retrospectiva sobre os êxitos e fracassos do Plano Cruzado, o presidente Sarney disse que não desanimou: "Enfrentei greve geral, fui alvo de incompreensões, até atentado sofri. O meu otimismo e minha serenidade não diminuíram. Agora, mais uma vez, com o Plano Bresser, voltamos a lutar. Já começam os resultados. A hiperinflação caiu. O IBGE nos avisa que a inflação do primeiro mês do novo plano foi apenas de 2,8%, abaixo dos números que nós, com prudência, anunciamos aqui neste programa e que seria entre 4 e 5%. O congelamento funcionou".

Sarney também ressaltou o esforço do seu governo no combate à corrupção. Para ele, "um governo austero, honesto, transparente em tudo quanto faz, não esconde erros, nem protege desonestos, seja quem for".



Em São Paulo, 3,5% em julho

BRÁSILIA
AGÊNCIA ESTADO

A inflação de julho em São Paulo foi de 3,5% — a mais alta das quatro maiores regiões metropolitanas do País — segundo informou ontem o porta-voz do Palácio do Planalto, Antônio Frota Neto, com base nas pesquisas já concluídas da Fundação IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Depois de São Paulo, a mais alta taxa de inflação do mês de julho — medida de 16 de junho a 15 de julho — foi a de Porto Alegre, com 2,9%, seguindo-se a do Rio de Janeiro, com 2,1% e Belo Horizonte, com 2%.

A pesquisa sobre o comportamento dos preços nestas quatro principais regiões metropolitanas do País responde com 70% do total do IPC (Índice de Preços ao Consumidor), que será oficialmente divulgado pelo IBGE na próxima semana. A pesquisa para o cálculo do IPC — o estimador oficial da inflação — é feita nas dez principais regiões metropolitanas do País.

O índice ponderado para as quatro principais regiões metropolitanas do País foi de 2,8%, conforme anunciou ontem o presidente José Sarney, durante o programa "Conversa ao pé do rádio". O item que mais pesou no cálculo da inflação, feito até agora pelo IBGE, foi o de Alimentação. Em São Paulo, os preços dos alimentos registraram um aumento médio de 4% mas de apenas 1,2% no Rio de Janeiro. Dentro do item Alimentação o produto que registrou maior alta de preço foi a farinha de trigo, com 175%.

Após conversar por telefone com o presidente do IBGE, Edson Nunes, o porta-voz do Palácio do Planalto estimou que a inflação oficial do mês de julho, em nenhuma hipótese será superior a 3%. E a depender do comportamento dos preços nas seis regiões metropolitanas restantes — e que respondem por 30% do índice — entende Frota Neto que o IPC definitivo de julho poderá ser até mesmo inferior ao das quatro principais regiões metropolitanas (2,8%).

"Já sentimos que a crise vai passar"

O pronunciamento do presidente Sarney no programa "Pé do Rádio" foi o seguinte:

Brasileiras e brasileiros, bom dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney.

Estamos iniciando nossa "Conversa ao Pé do Rádio" desta sexta-feira, 24 de julho.

Começo por falar do fato econômico da semana, que foi o anúncio do novo plano macroeconômico. É um nome difícil, mas atrás do qual se esconde uma coisa muito simples: são as decisões do governo destinadas a fazer com que o combate à inflação evite a recessão, o desemprego, a queda da produção da indústria e das vendas do comércio. Um plano para desenvolver o País com a economia estabilizada. Esse plano é diferente dos anteriores, porque ele é um plano que pretende controlar a economia em curto prazo. Os objetivos são mais próximos. Em princípio, os objetivos visados são trimestrais, é um plano de curto prazo, de controle de curto prazo, o que significa que a cada três meses nós podemos ver o que está dando errado e podemos até ter a oportunidade de consertar, e ver o que está dando certo para manter.

A experiência que nós todos temos hoje é grande e os nossos riscos são menores.

Com esta medida, estamos iniciando uma nova era em nossa economia, sem

euforias, mas pisando firme. E já sentimos que a crise vai passar.

O ministro da Fazenda, Bresser Pereira, está no Exterior para negociar a dívida externa. E no Exterior também recolhe a impressão, nos círculos financeiros internacionais, de que todo o mundo está acreditando na recuperação do Brasil e no acerto das novas medidas econômicas, entre as quais se inclui esse novo plano macroeconômico. Graças a Deus, já não era sem tempo de sairmos dessa crise. E se saímos dela não foi senão com muito esforço do governo.

Outro fato: esta semana tomei a decisão de determinar a sete ministérios a abertura de inquéritos para apurar as culpas por irregularidades havidas na importação de alimentos no ano passado. Um governo austero, honesto, transparente em tudo quanto faz, não esconde erros, nem protege desonestos, seja quem for.

Também tomei, nesta semana, duras medidas na área da economia, isto é, dos gastos do governo. São medidas que significam que nós estamos dando o exemplo, fazendo aquilo que eu tive a oportunidade de dizer a todos vocês, brasileiras e brasileiros, que nós tínhamos que passar o governo a pão e água. Essas medidas representam um esforço de redução do déficit público para 3,5% do Produto Interno Bruto, o que implicará, até o fim do ano, na economia de cerca de 300 bilhões de cruzados, e só de pessoal 60 bilhões de cruzados.

Tem um decreto que é sobre a administração direta e proíbe novas admissões em qualquer setor da administração pública, inclusive mão-de-obra indireta; determina a revisão das atuais tabelas de especialistas; impede a criação de cargos e funções de DAS, DAI e FAS; limita a despesa global com diárias nos anos de 87 e 88; impõe responsabilidade administrativa e patrimonial à autoridade que descumprir estas proibições, sem prejuízo da ação penal cabível, em cada caso.

Decreto referente também à administração indireta, que reduz de 7,5% os dispêndios das empresas estatais em 87, com pessoal e serviço de terceiros, respectivamente. A medida abrange o Banco Central e entidades integrantes do Sinpas. Só permite a reposição de 80% dos empregos administrativos que venham a pagar; prorroga a si mesmo na área operacional, e prorroga, até 31 de dezembro de 88, contratação de novas pessoas nessas mesmas empresas.

Outro decreto é o que se refere ao Poder Executivo, que fixa em 289 bilhões de cruzados o limite para realização em 87 de despesa com pessoal e encargos sociais. Decreto que extingue para o futuro pensão especial; decreto que exclui os servidores das autarquias especiais e instituições federais de ensino, da gratificação de representação concedida. Esse decreto-lei estabelece um teto de remuneração. Isso significa que nós quase que congelamos toda e qualquer mudança de pessoal e, ao mesmo tempo,

qualquer aumento das despesas do governo nessa área.

É um esforço muito grande que nós teremos que fazer para que o plano econômico possa funcionar.

Antes de terminar, quero saudar algumas categorias profissionais, cujas datas são comemoradas nesta semana.

Amanhã, dia 25, sábado, é o Dia do Motorista, uma das profissões a quem este país mais deve, pois o rodoviário é ainda nosso principal meio de transporte. Um abraço aos motoristas de todo o Brasil, o motorista de caminhão, motorista de carreta, motorista de táxi, enfim, todos os motoristas.

Dia 25 também é o Dia do Escritor, Dia dos Intelectuais, categoria a que tenho a honra de pertencer. Minha saudação aos escritores brasileiros.

Dia 26, domingo, é o dia das nossas velhinhas, das nossas avós, nossas segundas mães. Um beijo carinhoso a todas elas, que são fontes de ternura em todas as famílias do Brasil.

Dia 28, terça-feira, é o Dia do Agricultor, a principal atividade econômica do País. O agricultor sofrido, o homem da terra, produtor de alimentos, gente de trabalho duro.

Para finalizar, aquela palavra que não deixo de dar sobre a convicção que tenho de que vamos vencer. Continuamos a nossa luta, brasileiras e brasileiros. E vocês podem dar o testemunho da minha obstinação para cumprir com o meu dever e

melhorar a vida do povo brasileiro. Ninguém pode negar que tenho sido um obstinado lutador. Basta lembrar que entrei no governo pela doença de Tancredo Neves. Em meio a uma grande crise. Lutei. Depois veio a sua morte. A luta inicial para montar o governo, para evitar que a frustração nacional, com sua perda, prejudicasse a volta da democracia. Enfrentei problemas acumulados ao longo de tantos anos. Recebi a dívida externa, a dívida social, a inflação, a divisão nacional, a heterogeneidade das nossas forças políticas. E eu lutei. O meu esforço de compor, de dialogar, de encontrar fórmulas de consenso, de tolerar.

Vieram as eleições para as prefeituras municipais das capitais e municípios de segurança nacional, logo no primeiro ano do meu governo. Com problemas na economia, com problemas políticos, eu enfrentava e lutava. Lutava com a economia e com a política. Tentava controlar os preços. Veio o ano de 86, tive a coragem do Plano Cruzado que, com todas as decepções que causou, foi a maior distribuição de renda da história brasileira. Quem comprou um automóvel, uma geladeira, uma televisão, quem viajou com sua família, quem melhorou sua casa, não pode esquecer que foi graças àquele plano, àquele redistribuição de renda, que isso foi possível.

Depois, nós tivemos as eleições. O País inteiro em busca da democracia, e eu

lutando, enfrentando greves, incompreensões, mas continuei lutando. Veio a queda do Plano Cruzado, o desânimo abateu a todos, grande decepção no País inteiro. Enfrentei greve geral, fui alvo de incompreensões, até atentado sofri. Mas não desanimei. Lutei. O meu otimismo e minha serenidade não diminuíram. Eu sei que estou cumprindo o meu dever. Sou presidente da República num dos períodos mais difíceis da história deste país, em que tantas esperanças se somam a tantas dificuldades.

Agora, mais uma vez, com o Plano Bresser, voltamos a lutar. Já começam os resultados, a hiperinflação caiu. O IBGE nos avisa que a inflação do primeiro mês do novo plano foi apenas de 2,8%, abaixo dos números que nós, com prudência, anunciamos neste programa e que seriam entre 4 e 5%. O congelamento funcionou.

Seu dinheiro, brasileiras e brasileiros, começa a ter, de novo, poder aquisitivo melhor. E nós vamos adiante. E eu continuo aqui, cuidando e lutando. O povo sempre me encontrará nesta posição. O que eu desejo é fazer um bom governo, e tenho lutado para fazer um bom governo. As dificuldades não me abateram nem os possíveis fracassos me esmoreceram. A gente cai, a gente levanta, porque a história do homem é a história da coragem e a história do trabalho. Muito obrigado, bom dia e aqui termino com uma palavra de fé, de confiança e de otimismo.